

# Revista de Agricultura

DIRECTORES

Prof. N. Aihanassol  
Prof. Carlos T. Mendes  
Prof. Octavio Domingues  
Prof. S. T. Piza Junior  
Prof. Westin Vasconcellos

Publicação bi-mensal de ensinamento theorico e pratico

Vol. 8

Março - Abril de 1933

N. 3 e 4

## CRITICANDO

No seculo da genetica, na epoca da experimentação agricola sob suas mil modalidades, é contristador verificar se que nada ou quasi nada possuímos.

Sem pretender diminuir em nossos dirigentes, não podem escapar os mesmos — a despeito da manifesta bôa vontade revelada por muitos delles — á culpa de nunca terem encarado as nossas questões agronomicas pelo lado que deveriam ter feito.

Em grande parte é sua a culpa por não terem olhado para mais alto, para o plano em que se experimenta, em que se aprofunda para depois ensinar, para as alturas, enfim, em que se crea.

Entre outras desculpas que poderiam alegar, sobressae a da falta de technicos competentes e especializados, capazes da verdadeira experimentação agricola.

Mas como obter-os sem crear os? Contractando-os, a principio.

As importações, que muitos insucessos nos trouxeram, não deixaram de produzir tambem evidentes beneficios, e seriam elles muito maiores, se mais felizes ou mais criteriosos fossemos na escolha dos contractados. Essa falta, entretanto, não pode ser imputada aos que, embuidos das melhores intenções, procuraram sanar uma enorme falha de nosso meio.

O contracto de estrangeiros era o unico remedio para o mal, e esse remedio foi dado por Carlos Botelho.

Como seu complemento logico era natural que aprovei-

tassemos esses profissionaes com assistentes nacionaes; foi o que fez Padua Salles.

Em virtude, porem, do insucesso parcial do que se tinha até então feito, coube a Paulo de Moraes a melhor das soluções: enviar os nossos diplomados ao estrangeiro para cursos de especialização. Iniciativa de grande alcance, só muito mais tarde imitada pelo Ministerio da Agricultura.

Tudo isso, entretanto, estava longe da maior de nossas necessidades — a experimentação agricola com fundamentos scientificos.

Coube o seu verdadeiro inicio a Fernando Costa, que revelando grande alcance, nem por isso revela mais merito que os que o precederam, pois, não foi tudo isso a seriação mais logica que se possa imaginar, ainda que lenta, na evolução de um progredir continuo?

A primeira phase está passada, posto que não dispensemos a importação para certas especialidades e muito menos a remessa constante de agronomos ao estrangeiro.

A segunda phase — a da verdadeira experimentação,—no que concerne á agricultura propriamente dita, se inicia agora. ainda que muito timoratamente, no Instituto Agronomico de Campinas, com a actual direcção.

A' primeira vista assombra o que já se vê nessa grande estação experimental, o que já foi conseguido em tão poucos annos. Se pensarmos, porem, no que nos cumpre fazer, na immensidade dos problemas que temos a resolver e na marcha accelerada dos que caminham na deanteira e poderão, em tudo, ser nossos concorrentes, verificaremos que tudo aquillo é ainda muito pouco; o muito que já se faz é uma insignificancia em vista do que temos por fazer.

Se fossemos opinar sobre a arganisação de nossos serviços agronomicos, resumiriamos assim o nosso pensamento: reduzir ao minimo a burocracia da Secret. de Agricultura, e fazer tres grandes obras: triplicar o Instituto de Campinas, crear um grande serviço de Fructicultura e um Instituto de Genetica no meio de um grandioso jardim de aclimação.

E para que tudo isso e o mais que fosse necessario, tornar-se realisavel, será preciso não esquecer que a viga mestra de toda a organisação agronomica do Estado, deverá ser sempre a sua Escola de Agricultura.

C. T. M.